

# ENCANTANDO SERPENTES



Sobre o Ensino da IGREJA MODERNA

“Se a cobra morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador”. Eclesiastes 10:11

Wellington Corporation

A arte de encantar serpentes é uma atividade antiquíssima. Podemos ver até os dias de hoje famílias indianas, paquistanesas, árabes e africanas que possuem invulgar capacidade de dominar ofídios, muitos de poder letal, com a capacidade de ferir dolorosamente, incapacitar ou até matar com uma simples mordida. O Encantamento de serpentes é uma antiquíssima profissão de caráter mágico, em alguns momentos igualmente religioso, porque era praticado em muitos templos dedicados às serpentes ao redor do mundo, alguns que ainda podem ser vistos na África e na Índia até hoje.

“Existem umas trinta espécies de serpentes na Palestina, muitas das quais são altamente venenosas. Pela primeira vez é a serpente mencionada em Gn 3.1,13, onde se diz ser ela o mais sagaz de todos os animais selvagens. As perigosas propriedades da serpente acham-se mencionadas no Sl 58.4: *‘Têm peçonha semelhante à peçonha da serpente’*, e também em Dt 32.24 e Pv 23. 32. Parece, em algumas passagens, afirmar-se que o veneno reside na língua (Jo 20.16 - Sl 140.3), em vez de ser atribuído à mordedura, como corretamente se acha indicado em Nm 21.9 e Pv 23.32. Ao hábito que têm as serpentes de se ocultarem, refere-se o livro do Eclesiastes (10.8), e o do profeta Amós (5.19). A maneira particular do seu caminhar é considerada como maravilhosa em Pv 30.19. Em Is 59.5, a expressão ‘chocam ovos de áspide’ mostra que era bem conhecido o fato de serem as serpentes animais ovíparos (cp. com 34.15). E ao ato de se domesticarem e serem encantadas as serpentes há referências em Sl 58.5, Ec 10.11, e Jr 8.17. Jesus uma vez aludiu à prudência tradicional da serpente (Mt 10.16).” **(Por Walter Passos, historiador, teólogo e membro da COPATZION (Comunidade Pan-Africanista de Tzion). Pseudônimo: Kefing Foluke)** O autor desse trecho do estudo - teve contatos religiosos com a cobra sagrada dos fons e ewes em Daomé, atual distrito de Benin na África, religião que nos conduzirá historicamente e de modo excepcional até a tribo de Dã



No relato do livro de Gênesis temos a história dos 12 filhos Jacó (Israel), entre eles um chamado Dã, filho de Bila:

*E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela. Assim lhe deu a Bila, sua serva, por mulher; e Jacó a possuiu.*

*E concebeu Bila, e deu a Jacó um filho. "Então disse Raquel: Julgou-me Deus, e também ouviu a minha voz, e me deu um filho; por isso chamou-lhe Dã."*

Gênesis 30- 3-6

Um costume dos hebreus era conceder bençãos proféticas destinadas aos filhos. Israel abençoou os 12 filhos cada uma com a sua especificidade. A benção recebida por Dã proferida pelo seu pai Israel:

*Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcandares do cavalo, de modo que caia o seu cavaleiro para trás. A tua salvação tenho esperado, ó Senhor!*

Gênesis 49: 16 -18

Vemos no texto acima que Dã é relacionado com a serpente, inclusive no Judaísmo, o símbolo da tribo de Dã está relacionado com a serpente

O antigo Dahomé, atualmente é Benin, localizado na África Ocidental, um dos países que teve a maioria da sua população sequestrada e escravizada para as Américas, trazendo o culto dos Voduns ao Brasil, República Dominicana, Porto Rico, Cuba, Estados Unidos. No Haiti tornando-se um dos símbolos nacionais: o culto Vodun. Os Voduns eram antigas divindades tutelares de determinadas tribos africanas ligadas a realeza, aos espíritos de ancestrais divinizados, ancestrais de grande antiguidade, ligados ao reino dos mortos, a presságios e adivinhações, a magia e a diversos poderes naturais e espirituais, podendo ser adorados através de objetos sagrados, árvores sagradas, rituais e sacrifícios, etc. Sofreram certa adaptação, determinado amálgama com crenças de diversas regiões da África sendo parcialmente identificados como Orixás no Brasil. Parcialmente porque ainda existem templos e sacerdócios africanos em terreiros que estão ligados diretamente aos antigos voduns ou vodunsins.



# The Heraldic Emblems of Dan

## THE TRIBE OF DAN

Dan shall be a serpent in the way, A horned snake in the path,  
That bites the horse's heels, So that his rider falls backward  
(Genesis 49:16)



Primary



Secondary



Camp Standard,  
Dan's emblem of choice



Shield of  
AUSTRIA



The Great Seal  
of the USA



Shield of the  
CZECH Commonwealth



Shield of  
POLAND



Shield of  
Saarland, D.



Shield of  
Varmland, Sweden



Hohenstaufen  
family Shield, D.



Shield of  
GERMANY

Dan's 'Emblem of Choice', his Camp Standard, is iconic for the USA, Germany, Poland, Russia and many 'shires-states-provincies-oblasts' of Holland, Denmark, and Sweden.

Dã era uma tribo que dominava a navegação e o comércio marítimo e que possuía uma tradição de “nomear” as terras onde fixava moradia. A herança linguística, a nomeação de uma parte da África da antiguidade com o nome de Dã é uma evidencia considerável de que a tribo israelita tenha fixado um acampamento nessas terras em tempos imemoriais. A palavra Dã na África setentrional significava SERPENTE. Cremos que a adoração da

serpente em Dahomé possui duas heranças, uma egípcia que influenciou profundamente a religião antiga dos povos africanos e uma segunda herança, hebraica, Danita, contida na palavra DAHOMÉ. Ela tem dois significados: Um está relacionado com certo Rei Ramilé que diz as lendas que se transformava em uma serpente e que morreu na “terra de Dã "Dan Imé" ou "Dahomé", ou seja: 1) *aquele que morreu na Terra da Serpente*. Segundo as pesquisas, o trono desse rei era sustentado por serpentes de cobre cujas cabeças formavam os pés que iam até a terra. Esse seria um dos significados encontrados: 2) Dan = "serpente sagrada" e Homé = "a terra de Dan", ou seja, Dahomé = "a terra da serpente sagrada".



Símbolo da Tribo de Dã.

A adoração da serpente não é exclusividade africana. Sem entrar nas questões religiosas, que dariam um estudo sobre religião da antiguidade e a influencia maligna, o simbolismo do reino das trevas e a macabra manifestação do tipo de forças ocultas de origem nos “principados, potestades, poderes e soberanias” citados por Paulo, temos a que imaginar que cuidar de serpentes não era uma coisa banal. Elas tinham que ser alimentadas,

cuidadas, presas em lugares especiais e manuseadas por grupos de sacerdotes que se preparavam para isso com bastante antecedência. Um sacerdote novato cuidando de serpentes, agindo descuidadamente morreria no início de seu ministério. Em determinados templos haviam milhares delas. Os sacerdotes deveriam caminhar entre as cobras e andar com cuidado redobrado, para não serem picados, uma queda poderia ser fatal. Os primeiros “encantadores” de serpentes certamente vieram de famílias sacerdotais que tinham contato com esses animais desde de muito cedo. Havia uma certa familiarização com uma veterinária de ofídios, um conhecimento veterinário excepcional para guarda, alimentação, medidas de segurança e controle do grupo de animais. Além da prática religiosa, havia um segundo uso dos animais, para o entretenimento através de especialistas, artistas e músicos, mágicos de toda a sorte, que faziam números ou apresentações onde os animais eram utilizados como fonte de entretenimento das populações locais. O fascínio e medo de lidar com animais de tamanha insalubridade atiçava a imaginação do público que podia ver um ato que beirava ao suicídio, ou a magia sagrada, o controle dos ariscos e perigosíssimos animais. O encantamento de cobras vem de uma época em que não se conhecia o soro antiofídico, ou recursos que pudessem combater com eficácia a mordedura de uma cobra venenosa. A mortandade por mordidas de cobras era uma constante em centenas de lugares do mundo da antiguidade, sendo comparável a estatística de mortes por bestas selvagens. Leões não seriam tão temidos como cobras peçonhentas porque elas se escondiam com facilidade em locais de difícil acesso, se camuflavam perfeitamente, perdendo-se entre diversos ambientes e viviam na proximidade das aldeias, escondendo-se nas casas. Os encantadores de cobras gozavam de uma determinada consideração, eram vistos como homens ou mulheres de tremenda coragem. E também como *homens sagrados*. Porque somente a proteção divina poderia explicar a sua sobrevivência após dezenas de anos lidando com seres tão perigosos. A arte do encantamento não era como a palavra deixa transparecer algo que mudasse permanentemente o comportamento das cobras. Na verdade cobras venenosas não podem ser adestradas. Elas necessitavam ser controladas. Continuamente controladas. O encantamento, ou o efeito de encantamento significava uma sucessão de gestos e movimentos especiais, toques determinados em partes específicas da cobra, o ângulo exato de aproximação do animal. O encantador jamais poderia tirar seus olhos do animal, não poderia se aproximar sem um rito de gestos, de sons instrumentais que apesar de não serem “ouvidos” pelo animal sem tímpanos ou órgãos auditivos, poderia sentir as vibrações emitidas. O “encantamento” significava antes de mais nada, a aproximação com gestos desorientavam a serpente, fazendo-a agir de modo controlado. Se o ritual de gestos, toques, ruídos, controle, olhar e postura fosse incorreto, a atitude do animal seria de imediata reação ao perigo imaginado, com um bote mortal. A cobra não possui o temperamento de um animal de estimação, ela não é DOMESTICÁVEL, ela não se torna dócil com o passar dos anos. Ela responde exatamente a série de estímulos que lhe são feitos, no instante em que são realizados. A cobra poderia morder após estar sobre controle do exímio encantador, mas este saberia onde seu bote a conduziria, e estaria com uma PROTEÇÃO adequada para a mordida, porque na verdade se provocasse o animal já o estaria induzindo em determinada direção. Por isso podia APROXIMAR-SE perigosamente (pescoço, olhos, cabeça, partes sensíveis) do animal, sabendo de antemão o trajeto que ela tomaria de acordo com a posição de sua cabeça e o modo como seu corpo estivesse enrolado. As serpentes possuem movimentos razoavelmente limitados, elas

necessitam posicionar-se para poder atacar, elas “giram” o corpo ou reposicionam-se continuamente para poder dar o bote, porque cada espécie possui um ângulo de “tiro” e uma distancia de acerto para precisão da mordida.



O início da “dança” entre o encantador e a serpente eram essenciais, pois ela estaria “estudando” seu adversário para lhe atacar e o encantador estaria “estudando” a cobra e a conduzindo a um estado de perplexidade, de confusão, que faria que ela “dançasse” ou parecesse mover-se ao som e aos movimentos do encantador.

Interessante frisar que A tribo de Dã, cujo símbolo é uma serpente está associada as primeiras navegações marítimas da história humana, eles se associaram aos “povos do mar” citados nas Escrituras. A sua identificação com os Aqueus um dos povos que irá formar a nação grega é tal monta que alguns historiadores postulam que os Danitas eram mercenários Egeus, piratas, que num futuro momento se uniram a tribo Israelita. Reforça ainda mais a influencia dos danitas nas culturas e povos aos quais se ajuntaram. Os danitas fazem parte da formação dos gregos, Josefo compreendia que os espartanos tiveram origem judaica! O livro de Macabeus fala de uma correspondência a um sacerdote judeu entre os espartanos.

“Areu, rei dos espartanos, ao sumo-sacerdote Onias, saúde!

Encontrou-se num escrito, sobre os espartanos e os judeus, que estes povos são irmãos e descendentes de Abraão. Agora que sabemos isto, fareis bem em escrever-nos a dizer se gozais de paz. Nós também vos escreveremos. Os vossos rebanhos e os vossos haveres são nossos e os nossos são vossos. Enviamos-vos esta mensagem para que sejais informados.”

**I Macabeus 12:20-23**



Então não é difícil imaginar o parentesco das tribos gregas com os descendentes de Dã. Os danitas fazem parte da composição histórico-étnica dos dinamarqueses, dos irlandeses, dos ingleses e também dos portugueses. Os gregos denominavam as antigas terras lusitanas de Ofídia, ou Ophidaeus, Ofidália – terra das serpentes – tanto pela presença massiva destes animais como pela presença de templos que as adoravam, que indicaria uma tradição danita. Os Lusitani, um dos povos da formação do povo português, recebeu tradições e cultos da antiguidade que estão conectados a invasões de “povos do mar” com registros arqueológicos da formação inicial de Portugal a partir da costa, por imigrantes com traços culturais semitas, na cultura, na iconoplastia, nos símbolos em artefatos, em vasos, em tradições religiosas, na tecnologia de fabricação de navios e navegação náutica. O poderio naval da nação portuguesa teve origem em antigos mapas, instrumentos de orientação náutica, em conhecimento náutico passados por gerações que teriam herdado dos gregos, fenícios uma ciência náutica avançada. E por colonização portuguesa e inglesa, os brasileiros e americanos tem pequena relação com a tribo de Dã. Basicamente poderíamos dizer que “somos todos danitas”, como já expressou certo pensador, destacando que temos, todos nós que possuímos algum tipo de parentesco português, inglês, dinamarquês e africano – na maioria das vezes na realidade brasileira com negros de descendência dos africanos de Daomé – temos antiquíssimo parentesco com o povo da serpente, daquele que *será serpente junto ao caminho, da tribo que será uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, de modo que caia o seu cavaleiro para trás.*

Então quando João batista grita “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira vindoura?” você já não se sente um “excluído” do duro discurso. Nós, sim nós, estamos certamente incluído nesta exortação!





O primeiro sinal milagroso mostrado pelo sacerdócio de Araão, junto como Moisés na frente dos magos de Faraó foi atirar o cajado no chão e ele ser transformado numa serpente. Normalmente compreendemos o símbolo da serpente como algo maligno. Símbolo da mentira, da sedução, da traição. Porém, em alguns poucos momentos o Espírito de Deus usou-se de um símbolo maldito para realizar algo extraordinariamente benigno. A cena em que a vara é transformada em cobra é uma cena de afronta a Uraeus a serpente sagrada do Egito. Havia pelo menos uns dois conselheiros egípcios presentes da apresentação do Reino de Deus ao obstinado faraó, quando o Senhor apresenta seu Plano de Salvação, seu Projeto de Libertação de seu povo, que eram sacerdotes de um “deus-serpente” ou “deusa-serpente” do Egito. A prova de pertencerem a um sacerdócio “serpentuário” é que imediatamente lançam seus “cajados” ou bastões mágicos no chão que também se transforma em cobras. O segundo momento em que uma “serpente” foi um símbolo de salvação foi quando Moisés fabrica uma serpente de bronze e a pendura num madeiro para curar os desobedientes e rebeldes atacados por incomum bando de serpentes mortais, no deserto. Quem somente OLHASSE para a serpente de bronze, ainda que a beira da morte após dezenas de picadas mortais, ficaria curado. Como não poderia deixar de ser, tomaram da PROFECIA, distorceram o sentido da operação milagrosa, batizaram a cobra de Neustã e a adoraram por CENTENAS DE ANOS. Mais ou menos uns 600 anos até que o rei Ezequias deu fim a festa sórdida:

***Removeu os altares idólatras, quebrou as colunas sagradas e derrubou os postes sagrados. Despedaçou a serpente de bronze que Moisés havia feito, pois até àquela época os israelitas lhe queimavam incenso. Ela era chamada Neustã. (2 Reis 18:3-4)***

O ser humano possui uma certa tendência a apostasia. Os danitas são a primeira tribo a apostatar da Lei, numa cena que é a soma de todas as coisas erradas que a igreja da antiga aliança poderia imaginar. Para maiores informações sobre a trágica cena leia: Mitovangelho no link abaixo:

[https://docs.google.com/document/d/1362sDt4PG3Su9Sv35Ic4111\\_utCQypY5k4smIW3xyg/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/document/d/1362sDt4PG3Su9Sv35Ic4111_utCQypY5k4smIW3xyg/edit?usp=sharing)

***Encantar serpentes é então a primeira missão que o ensino da igreja deve possuir.***

Primeiro porque há um evangelho da serpente que está sendo disseminado no mundo religioso desde o início das eras. Segundo porque esse evangelho da serpente contaminou o evangelho de Cristo, e encheu de joio espiritual e teológico ao ensino bíblico vigente, gerando uma coisa mais ou menos **nova**. Uma cobra melhorada, vitaminada. Um evangelho da serpente II. Que seria o manual cristão de apostasia. A revelação divina dada ao mundo transformou-se em religiosidade, em magia, em misticismo, em rituais que não mudam e nem transformam ao ser humano. Quando a revelação divina dada à Igreja é contaminada pela bobagem, mentira, e pelo OUTRO evangelho, gera uma serpente dois, uma mutante. O pior evangelho da serpente que pode ser ministrado ao ser humano é o de uma igreja apostata. Ela ultrapassa em veneno qualquer doutrina religiosa por pior que seja. É mais mortal um evangelho misturado com falsa doutrina, é mais venenoso que qualquer tipo de pagão de religião. Poderia lembrar da inquisição, do sincretismo religioso, das seitas de fanatismo ou do evangelho corrompido pelo dinheiro. E terceiro...porque o mestre das Escrituras modernas está diante de um grandioso serpentário. Feito de gente santa. Isso mesmo, o mais doce dos homens e a mais santa das moças da Igreja...mantém ainda uma conexão com o mundo das cobras. Essa pessoa cheia do Espírito Santo, remida, lavada, regenerada, abençoada. Essa de fé inabalável, chamada à comunhão com o Pai, com o filho e com o Espírito Santo, onde habita o Espírito que clama ABA PAI... na sua natureza normal... é só uma serpente. Nada mais que uma víbora - disfarçada de santo. O que o Espírito chama de POMBA MINHA... eu vou chamar de VIBORA.



Você e Eu.

Tua filhinha, essa linda... serpentezinha. Tua avó santa... outra serpente. O pastor cheio de unção, operador de milagres com três ressurreições no currículo...somente mais uma serpente.

Eu falo para serpentes.

Se você não possui a natureza de uma serpente, essa apostila não é para você. Mas, se você nasceu de Adão...tenho uma má notícia pra te dar. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória divina (Romanos). Porque se dissermos que não temos pecados...mentimos (João). Porque temos uma língua que é incontrolável e inflamada pelo inferno (Tiago). Porque pela Graça somos salvos e isso não vem de nós (Romanos).

Não, não adianta buscar em “aquele que está em Cristo, Nova Criatura é, as coisas velhas já passaram” ou em todos os importantes textos que afirmam sobre a Regeneração, uma defesa contra esse meu xingamento. Serpente, filhote de víbora, e ponto final.

Porque o mal que nós não queremos, esse nós realizamos (Romanos). Então, essa apostila é **uma parábola**, uma visão sobre a realidade humana que acompanha-nos, até que o que é corruptível for revestido pelo incorruptível (Paulo a Timóteo). Até que a morte seja tragada pela vitória.

A Welington Corporation deseja conversar com *os encantadores de serpente* de toda a terra...





Então, ó áspide, parente de Harry Potter e pertencente a casa de Sonserina, preste bem atenção:

“Se a cobra morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador”. Eclesiastes 10:11

11 יֵאָמֵר יִשְׁחַק בְּלֹא-לַחֹשׁ וְעַיִן יִתְרוֹן לְבַעַל הַקְּשׁוֹן:  
 11 יֵאָמֵר יִשְׁחַק בְּלֹא-לַחֹשׁ וְעַיִן יִתְרוֹן לְבַעַל הַקְּשׁוֹן:

11. *im-yishok hanachash b'lo'-lachash w'eyn yith'ron l'ba'al halashon.*

**Ecc10:11 If the serpent shall bite without enchantment, then there is no advantage for the owner of the enchantment.**

A palavra “encantador” no texto é uma expressão composta de l' Ba'al halashon que literalmente seria algo como “**senhor dos encantamentos**” ou “**dono do encantamento**”.

A palavra “encantamento” do texto, por sua vez, - lachash – la-hash - é a mesma usada para “amuleto mágico”, ou para práticas mágicas dos povos da antiguidade que invocavam poderes para controlar a natureza, os poderes sobrenaturais ou outros seres humanos, usando estatuetas, objetos sagrados, palavras mágicas, rituais mágicos, etc.



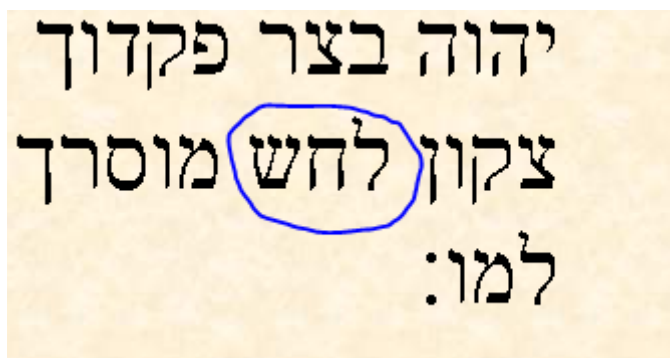
אם-ישך הנחש  
בלוא-לחש ואין  
יתרון לבעל הלשון:

Como já visto a arte de encantar serpentes nasceu nos sacerdócios dos serpentuários mágicos – no sentido de mítico, religioso - da antiguidade, e como não podia deixar de ser tornou-se uma prática mágica difundida em muitos locais ao redor do mundo.



No texto de Isaias 3.3 “O capitão de cinquenta, e o homem respeitável, e o conselheiro, e o sábio entre os artífices, e o eloqüente **orador**”, esse **ultimo termo** é a mesma palavra para “encantador -la-haš,”.

A palavra “encantador” aparece novamente em Isaias 26.16 – “16 Ó Senhor, na angústia te buscaram; vindo sobre eles a tua correção, derramaram a sua **oração secreta.**” No hebraico no arranjo original



O termo “encantar” aos olhos dos antigos hebreus estava relacionado a arte de “conjurar feitiços” e o extensivo uso de palavras misteriosas, em grande profusão, faladas com determinada ênfase e entonação, quase um “canto sagrado”. A arte de “encantar” era também a arte de falar muito, falar de um modo estranho, mágico. Por isso o termo “encantar” passou para o domínio semântico na língua hebraica, de modo pouco lisonjeiro como “falador” ou “tagarela” e também de modo lisonjeiro, como “orador”, a pessoa eloquente. Outra característica que ficou registrada das antigas práticas de “encantamento” da antiguidade na língua hebraica é o “sussurro”, em alguns momentos, sussurrar palavras de encantamento, sussurrar palavras secretas, que aplicada a oração seria “derramar uma oração secreta” ou orar com a voz muito baixa, de modo tímido, escondido, como no caso da perseguição dos judeus prenunciada por Isaias no verso citado, 26.16. Certa tradução inglesa traduziu “encantar” por “falar palavras de poder”

### **Bible in Basic English**

10:11 If a snake gives a bite before the word of power is said, then there is no longer any use in the word of power.

“Se uma cobra dá uma mordida antes que a palavra de poder seja dita, então não há mais nenhum uso na palavra de poder.”

Quaisquer que fossem na antiguidade, as habilidades especiais das pessoas, eram consideradas como dom divino. Fosse fabricar o pão, a arte da perfumaria, o domínio de técnicas vocais, o canto, o tocar instrumentos, a arte na fabricação de armas, artesanato, a capacidade e inteligência para trabalho com siderurgia, o ourives, na ourivesaria, quem possuía conhecimento sobre ervas medicinais, o exímio tratador de animais, em especial quem cuidava de cavalos ou de animais perigosos tais como tigres, leões e mesmo elefantes. A arte, a habilidade, a capacitação em qualquer área era simplesmente compreendido como um dom divino, pois o exímio em sua arte só poderia ter alcançado sua excelência por apoio e aprovação divina. Mesmo que fosse algo tão sinistro e perigoso como a arte de “encantar” uma cobra.

Criam que somente um ser humano envolvido com algum tipo de poder, que tivesse algum contato com espíritos, com uma entidade protetora familiar, debaixo de algum tipo de sortilégio, portanto algum tipo de amuleto, ou simplesmente sendo agraciado com o determinado poder sobre os ofídios poderia exercer tal profissão.

Acidentes acontecem mesmo com os mais habilidosos e treinados profissionais. As campanhas de prevenção contra acidentes demonstram isso, que por melhor e mais preparados que sejam os profissionais envolvidos numa tarefa que envolva risco, sempre existe a possibilidade do imprevisto. Os mágicos e magos da terra sempre estiveram envolvidos numa profissão de grande risco. Não faltariam nomes de mágicos que morreram durante suas performances para exemplificarmos essa triste realidade. Só citarei um: Harry Houdini.

Aos olhos estupefatos da plateia a mordida de uma cobra mortal num encantador de serpentes era algo que significava para eles, não uma acidente profissional. Significava acima de tudo, uma maldição. Revelava a perda do poder divino, mágico, espiritual concedido por nascimento, sacerdócio ou vocação, da pessoa que em vão tentou dominar a natureza do peçonhento animal.

Milhares de igrejas estão neste momento **debaixo da orientação de encantadores de serpentes que não compreendem a natureza de sua profissão.**

Se o encantamento não for bem realizado, o resultado é a tragédia no serpentário. Em cada congregação as cenas de “mordidas” dos ofídios não-encantados se repetem. Casais em adultério, desonestidade, jovens que são seduzidos por pessoas mais maduras, situações de desonestidade e desajuste, intrigas de todo gênero, injustiças, mágoas, inimizades. O diácono que trata com indiscrição a moça que pediu aconselhamento, o pastor que aconselhou de modo leviano ao casal em crise. A esposa que se relacionou indevidamente com o músico, a regente que confessou atos inconfessáveis, a traição financeira do companheiro e amigo de ministério. O líder que roubou a noiva do liderado, o pastor que trocou o ministério pelo cargo gratificado. Que trocou a idoneidade da pequena igreja pelo salário e posição da igreja de milhares de membros. Aquele que queria reconhecimento internacional e deixou de lado o lugar para onde o Espírito o havia ordenado. O outro que após a bênção financeira deixou “o amor da mocidade”, substituída pela moça mais nova.

O encantador de serpentes da antiguidade só errava uma única vez. Porque depois da mordida estaria morto em minutos. O encantador de serpentes espiritual possui o sobrenatural de Deus para curá-lo. Ele pode ser mordido muitas vezes e continuará vivo para tentar uma segunda vez. Mas só acumulará dores e sofrimento. Tanto para si como para a congregação.

A arte do encantador da antiguidade estava condicionada ao poder do encantamento, a arte de seus movimentos, a extrema habilidade e saberes especiais legados a eles com

exclusividade e incomum segredo, passado de geração em geração, arte desenvolvida por pesado treinamento. Uma herança familiar *de origem mágica e veterinária*.

O encantador não podia fazer qualquer tipo de movimento estranho, não podia agir de modo impensado ou impetuosamente. Sua rígida disciplina lhe impunha critérios e uma sequencia de ações que resultariam em seu total controle sobre os animais peçonhentos ou sua despedida da terra dos viventes.

Se você quer continuar vivo espiritualmente falando, pregador, mestre e pastor, líder e obreiro, compreenda o valor desta parábola.

A natureza humana não pode ser mudada por filosofia, psicologia, sociologia ou por qualquer tipo de ensino de origem natural. O espírito humano é de uma teimosia sem-par, só se curva diante de um poder do universo, a unção do Espírito de Deus. O evangelho que transforma vidas, que muda o coração do homem, que ENCANTA SERPENTES procede da boca do Deus Vivo. Ele é necessariamente INSPIRADO. A arte do encantador de cobras é de origem familiar e sacerdotal. A natureza do evangelho pregado a Igreja só a encanta quando possui a revelação de coisas celestiais, a inspiração e o poder do Espírito. O desastre que você pode estar percebendo em sua comunidade cristã é fruto das serpentes não estarem devidamente encantadas. O evangelho “natural” não possui PODER para encantar serpentes. O professor das Escrituras, que também pertence a casa de Sonserina, que não compreende o **desastre anunciado da natureza humana** está diante da realidade ministerial enfrentada por Jesus.

**A moderna tribo de Dã não é brincadeira não.**

**“Se uma cobra dá uma mordida antes que a palavra de poder seja dita, então não há mais nenhum uso na palavra de poder.”**

Todas as igrejas locais possuem trágicas histórias de traição, de desejo, de envolvimento sexual ilegítimo. Todas. O numero de adolescentes grávidas e solteiras em muitas comunidades ditas cristãs, é um índice alarmante. Minha sogra após a morte de seu esposo foi cercada por uma advogada da igreja a qual pertencia, uma igreja onde os dons do Espírito de Deus eram manifestos em profusão. A mulher era perversa como um corvo de um conto de Edgar Allan Poe, envolvida em mais desgraças e desonestidades que essas pobres páginas poderiam descrever. Não bastasse tentar se aproveitar da condição emocional da viúva, usar de expedientes desonestos para travar um inventário de diversos modos ainda tinha em seu vasto currículo de maldades a inacreditável condição de dona de um prostíbulo, havendo já aliciado pelo menos duas jovens da denominação pentecostal, vivendo uma vida dupla ou tripla, vista de joelhos orando em muitas ocasiões, assentada como fiel membro da assembleia e dissimulada como poucas pessoas poderiam imaginar. Assim que foi possível arrancar o inventário das garras da serpente cortesã, havia um outro advogado, respeitável pregador e com o pomposo título de “ungido ao ministério da



Palavra” que docemente se apresentou como homem de bem, disposto a ajudar minha sogra (era somente um adolescente nessa época, acreditava integralmente que títulos eclesiásticos eram expressões sempre verdadeiras...) homem respeitado, líder de “pontos de pregação”, revelou-se como a quintessência do inferno, tendo arrastado o inventário para um lamaçal jurídico propositalmente armado, falsificando documentos para roubar o máximo que pudesse da viúva, que nessa época entrou em depressão. No livro de Apocalipse veremos uma mulher de nome Jezabel que pertence a antiquíssima comunidade cristã, aparentemente uma antiga “heitara” ou “vestal”, ou uma “sacerdotisa erótica” dos templos de Diana, que apesar de uma experiência com Cristo, apesar de possuir dons espirituais, misturou sua fé com padrões de vida que viveu, praticando prostituição “sagrada” dentro da Igreja. Agindo como “profeta” e “mestre” teatralizava manifestações espirituais e anunciava em forma de profecia a LEGITIMIDADE de prostituir-se em nome de Deus, tendo envolvido não somente pessoas de fora em suas práticas libertinas, como até mesmo oficiais da igreja. Ela aparentemente tinha uma alta posição dentro da comunidade cristã de Tiatira (Apoc. 2:20) e estava corrompendo a fé de centenas e talvez de milhares de pessoas.

O encantador de Serpentes segundo o Espírito de Deus, é uma parábola para o homem segundo Deus que sabe lidar com a natureza humana e com a natureza espiritual maligna, não segundo os recursos humanos, mas usando os generosos recursos que o Espírito de Deus legou a Igreja. Ele não confia na sorte e nem em sua habilidade. Ele não confia integralmente na natureza humana, ele trata da igreja como uma família que necessita ser VIGIADA. Ele observa o comportamento dos adolescentes, dos jovens, está sempre ouvindo e se necessário, corrigindo o comportamento dos ofídios do rebanho. Ele necessita aprender a DISTINGUIR o que é somente humano do que possui origem espiritual. Necessita entender que palavras humanas não são o SUFICIENTE para tratar a natureza humana, que muitas situações só podem ser TRATADAS pela INTERCESSÃO, pela oração, pela manifestação da Unção e do Poder. A natureza podre do evangelho sem poder é que ele não tem a capacidade de SANTIFICAR. A pregação psicológica, a vã tentativa da manipulação espiritual ou artificial das emoções, a superficialidade na ministração do Evangelho é o ambiente mais acolhedor do mundo para as serpentes. O EVANGELHO PLENO tem o poder de NEUTRALIZAR o veneno de nossas perfídias, anular os desejos pecaminosos, conduzir nossa mente a uma condição de quietude. Os dons espirituais não são enfeites, são PODEROSAS ferramentas para impedir que serpentes mordam, que haja a manifestação da natureza humana em lugar da natureza espiritual. Quando Jesus entrega revelações as sete igrejas em Apocalipse estamos vendo o ESPÍRITO tratando com essa natureza e CORRIGINDO em cada uma dessas sete congregações o que a está destruindo.

A profundidade das ESCRITURAS é uma ferramenta essencial para tratar serpentes.

Marcel Detienne, helenista, escreveu um livro cujo título é “comparando o Incomparável”. Detienne procura demonstrar que um estudo abrangente da Grécia da antiguidade necessita ir muito além das fronteiras dos estudos clássicos. Partindo do pressuposto de

que os historiadores são avessos ao uso da comparação, Detienne demonstra o quanto esse método, comum na área da antropologia, possa ser fecundo na construção da ciência histórica, para que esta possa fugir do fechamento perigoso das leituras “nacionais”. A pregação do evangelho pleno significa igualmente uma pedagogia que compare o incomparável, que deixe de lado as fronteiras do pensamento judaico e cristão, que vá além das exegeses impostas pela semântica e linguística hebraica e grega, deixando de lado ferramentas toscas como dicionários, etimologia e análises gramaticais, lexicais, morfológicas e outras que varrem o significado das palavras das Escrituras sem nada mais acrescentar que reforçar velhos conceitos, coisas já sabidas, relidas e interpretadas à exaustão, sem que se possa avançar na profundidade das Escrituras, cuja solução das grandes questões espirituais foi propositalmente colocada fora do contexto bíblico, forçando aos estudantes a compreenderem as culturas externas, os fatos históricos e mesmo a espiritualidade dos povos e nações, para obter determinadas respostas. O amor à humanidade é declarado pela igreja gentílica, por ela, através dela e parte do evangelho só pode ser compreendido a luz do amor divino derramado nos povos, raças, tribos e nações, significando que coisas profundas e maravilhosas foram espalhadas na consciência das gentes, na literatura, nos costumes, nas celebrações, na línguas estrangeiras, nas poesias árabes e em infinitas manifestações culturais e que somos dependente delas para ir além no conhecimento das Escrituras.

Resumindo

**“Se uma cobra dá uma mordida antes que a palavra de poder seja dita, então não há mais nenhum uso na palavra de poder.”**

Encantar serpentes é uma comparação espiritual da necessidade de uma vocação, uma história, uma tradição, um sacerdócio, ousadia, coragem, vigilância e preparo e treinamento adequado para cuidar de criaturas que em sua natureza normal podem causar sérios danos e até mesmo a morte. Transpondo a cena assustadora para o reino espiritual, fala-nos de uma Igreja que possui o poder e o domínio sobre cobras, possui autoridade sobre poderes malignos e força para sobrepujar a periculosidade da natureza humana e a periculosidade da natureza dos demônios que influenciam a parte humana que não é influenciada pelo poder do Espírito, sendo necessário que ela seja submissa, não por meio de recursos humanos, mas através da manifestação da unção e do poder. Somente um Evangelho genuíno, profundo, amoroso, cheio de fé e fruto de experiências verdadeiras pode se prestar ao preparo de “encantadores” espirituais. Homens destituídos de Poder e de Autoridade espiritual não podem liderar e nem ensinar as coisas das Escrituras porque não possuem domínio sobre poderes espirituais, não sabem interceder e nem exercem autoridade sobre demônios. E creio ser essencial a autoridade sobre poderes das trevas, o poder para pisar serpentes e escorpiões, como marcas necessárias para validar essa árdua, perigosa e estranha profissão de ensinar as realidades do Reino para a Igreja de Cristo. O encantador mordido significa que ao invés de influenciar, foi influenciado. É o pastor que ao invés de preservar seu casamento com base na intercessão é alvo de avassaladora paixão e desaba num processo de envolvimento sexual ilícito. É um exemplo de um “encantador” que foi

mordido. É aquele que envolve-se em ganhos ilícitos, deixando-se conduzir pela avareza, desviando bens que não lhe pertencem para si próprio. É aquele que abandonando a fé renuncia ao ministério em nome de outra coisa com valor inferior, seja posição política, seja outra condição social qualquer. Não possuo a resposta para a EXCELENCIA do encantamento de serpentes. Porém uma congregação onde o amor está em falta, onde constantes escândalos são coisas corriqueiras, onde pessoas estão saindo da Igreja infelizes, magoadas, cansadas, são uma sinalização de que já não existe “encantamento”, porque o que se prega, e o que se faz, não produz tal “encantamento”. Porque não há PODER. Porque não existe Unção naquilo que se ensina, naquilo que se prega, naquilo que se canta. Porque aquilo que se faz nessa congregação não impede que as serpentes mordam.

Examinem-se a si mesmo e ao evangelho que ensinam, encantadores de toda a terra!

Para que a natureza humana permaneça contida e tratada pela manifestação continua da graça, da unção, da alegria do Espírito e através de um evangelho profundo, onde os dons são permanentemente manifestos e a unção é uma realidade incontornável.

Wellington Corporation



Adendo

### O evangelho da Serpente

Por “Evangelho da Serpente” estou batizando qualquer ensino que aparente piedade, revestido de temática bíblica, porém destituído de valor espiritual. Basicamente um Evangelho mentiroso. E em ultima instancia, um evangelho perverso, maligno. Lembro da menina, da adolescente enganada no Éden que recebe uma palavra de origem num espírito imundo, Satanás, e sendo influenciada por ele, é atingida de modo brutal no mais profundo elo de sua relação com Deus. Sua confiança no caráter de Deus é destruída, de tal modo que ela acredita que Ele mentiu, deliberadamente. O Evangelho da Serpente descaracteriza Deus, inventa coisas espirituais, distorce, enfraquece, contamina a alma e conduz a destruição espiritual.

Ele diz que os dons do Espírito de Deus cessaram junto dos apóstolos, que os padrões de namoro e noivado devem se adequar as mudanças culturais e sociais, e que a virgindade de ambos não possui valor. Está apresentando “novas” entidades familiares, composta por várias pessoas com intimidade sexual, em contraste com a família cristã, em modelos similares aos praticados por milhares de anos em diversas civilizações, está substituindo a necessidade da unção, da autoridade espiritual e do poder do Espírito por um evangelho baseado em psicologia. Está desprezando como coisa espúria um evangelho dependente da inspiração e revelação espiritual, substituindo por manuais de teologia superficial. Substituindo a pregação, o ensino e a apresentação do evangelho por um amálgama de apologética sem rumo, misturado a um evangelho sem profundidade, sem ciência bíblica, inchado de estudos que não edificam e não transformam ao caráter da Igreja. Está anunciando um evangelho místico, mágico, em substituição a um evangelho de submissão ao Espírito, substituindo operação de dons espirituais por anúncios mágicos, operações milagrosas falsas, liturgias elaboradas destituídas de valor em lugar de atos genuínos, ou orientados pelo espírito. Um evangelho onde a imaginação humana tem lugar de destaque, sem contudo passar pelo crivo da manifestação do Espírito de Deus e suas operações. Um evangelho que declara como se fosse vontade de Deus somente projetos humanos. Um evangelho que substitui a santidade pelo ritualismo, pelo mítico, pela superstição. Que demoniza a tudo e a todos, sem discernimento de espíritos, sem conhecimento da beleza da revelação divina concedida a povos, raças, tribos e nações, em nome de sua xenofobia religiosa. Que chama de trevas a tudo que desconhece em nome de seu orgulho, que condena o que é lícito da vida humana com base em sua visão deturpada das Escrituras. Ou o anuncio de um evangelho que se funde com visões religiosas diversas, que relativiza a autoridade e ao poder de Cristo. Que abraça visões deturpadas sobre o gênero e a sexualidade humana sem discernir a mentira presente na revolta contra o que foi instituído em Genesis. Ou o evangelho da dominação espiritual, onde líderes afirma que a salvação está em seguir ordens de presbitérios, de líderes, ao pertencerem a determinados movimentos. Ou o evangelho da soberba espiritual, o evangelho que deseja ter o domínio, a chave da interpretação bíblica correta, o acesso exclusivo aos segredos e maravilhas das Escrituras. O evangelho do excesso do formalismo, da alegria contida, da liturgia e da prisão da norma, da regra, da lei, do estatuto soberano, acima até dos valores amorosos das Escrituras. O evangelho do misticismo, que exalta as trevas, a experiência maldita, a viagem



ao inferno, o testemunho do bruxo, ou defesas do Querigma da Palavra anunciando milhares de páginas de apologética para tratar de maçonaria, satanismo, ocultismo e absolutamente nada a respeito das maravilhas das Escrituras. É o evangelho das finanças, da mídia, dos ministérios, onde igrejas pregam a elas mesmas, onde ministros anunciam a si mesmo, vendendo a si como messias, trabalhando somente para suas casas, para encher seus próprios celeiros de contribuintes de causas jamais passaram pelo coração de Deus. O evangelho da serpente anuncia um Deus que já condenou à perdição milhares antes que nascessem, que já escolheu para a salvação outros tantos antes da fundação do mundo, negando a equidade, a justiça e o plano da salvação em nome doutrinas de demônios. Ou o evangelho da devassidão, da permissividade, da libertinagem, da liberalidade onde o pecado já não mais existe. O evangelho sem prudência espiritual, se ufanando de vitórias e poderes que não possui, desconsiderando por sua “filiação” a natureza e os poderes malignos, sem compreender a necessidade da intercessão, da oração, da santificação e da perseverança.

A base para exercer os dons é o amor ditado em I CO 13. O sobrenatural vem a reboque da essência amorosa da igreja. Profetas que não amam, não são dignos de sua vocação. Os dons são dados para ajudar, apoiar, salvar, orientar, conduzir, consolar, edificar, abençoar.

A igreja não recebe os dons para brincar de deusa. Profetas não recebem a profecia para serem chamados de espirituais, quem fala em línguas não é superior ao que não possui o dom, inclusive aquilo que as línguas ministram á igreja serão ministrados aos crentes por intermédios de outras operações àqueles que não possuem o dom. A finalidade dos dons é a SALVAÇÃO de vidas, assim como todas as demais atividades da casa de Deus.

O miraculoso divino não é o 'mágico' do ser humano. Essa mania dos homens criarem suas próprias revelações ou concederem a sua imaginação, fértil imaginação, coisas que são de caráter profético. "Reza a lenda" - na pior apropriação linguística que já fiz em toda minha vã existência - que a profecia não tem origem no homem. E do mesmo modo o miraculoso. Essa mania de brincarem de 'magos do além' ou de mágicos celestiais - só que não. Decerto Deus faz coisas maravilhosas. Certamente sinais e prodígios serão realizados por intermédio de corações inundados de fé. Mas...brincadeira tem hora, a cobra não tá salvando o peixe quando o abocanha pra tirar da água. Está faltando uma Norma da ABNT pra regular a profissão de falso profeta. Uma normalização técnica iria ajudar. Usar o ciclo de gestão de Qualidade das ISO (PDCA) pra melhorar esse esboço malfeito, desse espectro desarranjado do que podia ter sido o evangelho verdadeiro, caso tivesse sido pregado. A tendência é que os sinais prodígios e maravilhas prometidos por Cristo virem lendas, fantasmas de uma época em que pastores oravam com coração cheio de graça, sinceridade e nenhuma vocação comercial. As curas miraculosas vão ser motivos de documentários históricos do History Channel, a Operação Milagrosa uma ilustre desconhecida. Porque negaram o evangelho do Poder de Deus e trocaram ele por sabão unguento. Num mundo do amanhã, mundo de fé falsificada e deturpada, fruto de um evangelho sem pé e nem cabeça, sem eira e nem beira, sem rumo, evangelho perdido, desorientado e que hoje inunda as redes de televisão, um evangelho que escondeu a Cristo, escondeu sua natureza e anulou seu poder, o que restará de consolo é saber que ao menos, que a Unilever e a P&G ainda proporcionarão roupas limpas...e perfumadas... para estes mesmos pregadores sem noção...usarem no enterro do Evangelho Pleno... O qual, por sinal, a maioria jamais conhecerá.

Os dons não tornam um humano em inumano, ou conferem caráter especial ou espetacular de santidade aos seus possuidores. Do mesmo modo que um diploma de nível superior não

torna você melhor do que um padeiro, uma costureira ou um técnico. Dons Não são diplomas. Assemelham-se antes aos ofícios ou as artes, como talentos naturais para a pintura, para o desenho, para tocar violão ou teclado. Excelentes bateristas põem ser péssimos pianistas. Um bom jogador de futebol se tentasse realizar uma operação de um cérebro no lugar de um neurocirurgião seria a morte do paciente. Um oculista não pode arrancar um dente sem deixar quem está na cadeira de dentista meio apavorado. Assim como dificilmente você aceitaria uma receita de óculos de um dentista. Os talentos e dons humanos são desenvolvidos a partir de uma vocação natural e através do esforço e da dedicação. Os talentos e dons sobrenaturais não existem no homem, não nascem conosco, não fazem parte de nosso caráter ou personalidade, não são naturais. São concedidos ao crente através do poder do Espírito Santo e só podem ser exercidos mediante a comunhão íntima com Deus. Os dons espirituais trazem no seu bojo a dependência ao Espírito de Deus, são gerados no nosso interior a partir do Espírito de Deus e jamais perdem este elo. Os dons não pertencem a nós como os poderes que os heróis possuem.

O milagre da Presença de Deus em nós significa um ato de amor inconformado, incontestado, e teimoso. Vivemos numa época em que a sexualidade humana está sob contínuo stress. Existe algum tipo de potestade ou poder externo ao ser humano e que opera nos sentimentos e paixões humanas desde a antiguidade. Em determinados momentos da história o desejo sexual, certo desregulamento dos desejos, as contradições relacionadas ao relacionamento e a sexualidade, de um modo multidimensional, biológica, psicológica e espiritualmente falando, são um fardo e não uma coisa confortável. No cristão a imoralidade, qualquer que seja, é pior que resfriado, dor de cabeça ou coisa do gênero, pesa seu coração e o desanima. A pureza, a leveza de ser, sentir e amar, numa condição sadia da nossa mente é uma meta, um sonho, uma esperança, algo desejável e muito bom. Há um compromisso que Deus assumiu com Ele mesmo e conosco. Ele nos ama e nos conhece e ao insistir em habitar em nós verá, perceberá, todos os nossos atos pecaminosos. Ele, o mais santo dos seres habita numa casa de barro que necessita ser purificada, limpa, constantemente. Porém, ele não se afasta por causa da bagunça ou de coisas que lhe são abomináveis em nós. Ele não pede carta de divórcio, não renuncia sua paixão por nossa alma, desde que joguemos o lixo fora, por assim dizer, não lhe importa tanto nossos fracassos, mas nosso olhar desanimado e amor por suas coisas, amor por sua obra, amor por sua presença. Como o rapaz apaixonado chorando aos pés da moça após o erro grosseiro, como a moça que coloca a cabeça no colo do amado pedindo desculpa pela ofensa cometida, assim deve ser nossa alma em relação ao Espírito que habita em nós. Ele jamais deixará de nos abraçar apaixonadamente após a confissão de nossos erros.

## Poesia

Eu não desejo o que você possuiu  
Eu não espero o que você é  
E as tuas obras passadas  
Não penso em encontrá-las!  
Eu não imagino viver dos teus medos  
Eu não anseio esperar em tuas dores  
Eu não acredito na desesperança  
Das tuas angústias!  
Eu não habito na voz de teu medo!  
Eu não habito pedaços de sonho  
Eu não posso ser contido  
Pelos teus abismos!  
Eu sou a fonte da vida e do riso  
Eu sou a voz que encanta tua alma  
Eu faço luz quando espirro  
E raios quando eu grito!

Eu encho o céu deste canto dos anjos  
Eu encho os céus de tamanha algazarra  
Que ainda hoje ouvem o som  
Do meu primeiro grito!

Eu sou a força que estabelece a vida  
Eu tomo, à força, nas mãos  
Ao inimaginável!

Não vivo em meio a destroços  
Tudo que eu toco, renovo  
E não pense que em você,  
eu farei diferente!

Eu vou encher essa alma e a tua vida  
Eu vou tratar com poder, tuas feridas  
Vou resgatar tua voz  
E as tuas canções!

Te chamei para a glória  
Convoquei-te pra mim!  
Eu que falo e que comovo  
Até mesmo aos Querubins!

Eu já falei uma vez  
Com tamanha alegria  
Que no universo inteiro  
Ainda ecoa a voz!

Vou te encher por inteiro  
Vou te amar em desespero  
Eu vou romper os grilhões  
Que escravizam minha Criação

Eu romperei o Universo  
Eu farei novo o amanhã  
Eu derramarei dons  
E em graça te ajudarei

Essa tua mão direita  
Estende  
Essa tua mão esquerda  
Levanta

Recebe unção e sê cheio  
De virtude e de Poder!  
Meu coração te aguarda  
Eu anseio te ouvir

E tua voz queimará  
Como o fogo dentro em mim!

Deixa de lado o teu medo.  
Eleva a voz sem receio  
Queime a terra  
Com tua oração.

Porque acima dos céus se eleva a Tua misericórdia, e a Tua fidelidade, para além das nuvens." Sal. 108:4.

Ele é bom

Ele é misericordioso demais. Por isso foi recusado no panteão mítico dos nazistas. Tanto que as bandeiras manchadas com o sangue dos bandidos nazistas que incendiaram a sede do partido comunista e tidos como herói por Hitler, são consagradas a deuses bárbaros e nórdicos. Porque somente na literatura das Eddas, os nazistas teriam chance de encontrar, dada a soberba intelectual europeia, que até seus antigos deuses julgava superiores, na religiosidade embebida no sangue do martelo de Thor, na selvageria de um Odin que perdeu um olho nas inumeráveis guerras, uma figura divina cruel o bastante para seus sinistros propósitos. O Deus cristão não se prestava a isso. Nem mesmo em sua Antiguidade, quando ainda era só Deus dos judeus.

O Deus do Velho Testamento é interpretado como fraco por Nietzsche que o rejeita veementemente através de Zarathustra. Porque Deus-Pai é demasiado fraco. Ele não coopera para formar uma ideologia que crie um super-homem desprovido de compaixão. A sua contínua indignação contra a injustiça o afasta de Brama cujos trechos dos Vedas o povo do vale de Idô usará, sua criação humana cósmica, como motivo jurídico para a manutenção das castas. Por não pronunciar uma religião baseada na morte, paralisa uma gigantesca obra de manutenção de homenagens póstumas impactando em séculos no cronograma da construção das pirâmides que até hoje testemunham o fascínio dos Egípcios pela morte...

Essa mania que ele tem pela vitória da Vida.



## Adendo II

Numa cosmologia assombrosa Gênesis nos apresenta o cenário que Deus escolheu para apresentar-se. O cientificismo, essa disciplina malcriada e afundada em soberba espectral, acha graça em rir da inocência da imagem mítica de Adão e Eva, das ordens da divindade estruturando a vida em seis dias, os atos do Jardim das Delícias, banalizando o testemunho, rindo com tais mitologias, sem se dar conta que todas as teorias sobre a formação do Universo beiram a atos de insanidade. Do Big Bang ao Multiverso, da Teoria do Caos ao surgimento das Leis Físicas sem causa que lhes corrobore, a tal teoria do Universo sendo a consequência de si mesmo, tudo tem tanto cheiro de incenso como as ofertas nos templos hindus da antiguidade, tem tanta tautologia, raciocínio circular, efeito sem causalidade, que dá náuseas uma meditação sobre o assunto, já que girar em torno do próprio eixo de lógica que renega a si mesma, nos deixa meio que enjoados. A necessidade de expugar Deus de sua própria criação é mais perigosa das enfermidades intelectuais dessa nossa era de Modernidade. O Gênesis, cheio de DEUS, que manda como quem pode para fazer do jeito que quer no universo que lhe obedece porque tem juízo, é imaginado do jeito que Deus quis, dependendo só de sua formidável imaginação. E o cenário escolhido, da matéria à energia, do subcosmo ao macrocosmo, no mágico, absurdamente mágico universo, em desagravo ao materialismo dialético e à filosofia científica que bebe nas águas abundantes da negação divina, foi o que Gênesis nos apresenta, vislumbrado pelos olhos de um ministro do impossível, essa tal entidade denominada PROFECIA. Foi um profeta que nos concedeu a revelação divina de Gênesis. E lá estamos nós, ou lá vamos nós, como diriam os Impossíveis, ao cenário da Criação, estilisticamente escolhido segundo a Soberania daquele que sabe mais sobre as coisas que a fatoraçoão\* ( $1 \times 2 \times 3 \times 4 \dots \times 23.566 \times \dots$ ) da quantidade de todos os homens inteligentes que viveram na face da terra.